



Correio Editorial
Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.
Autorização DEO032207CE



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

16 de Setembro de 2017 • Ano LXXIV • N.º 1918
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



MOÇAMBIQUE

Quitéria Paciência Torres

NO fim do dia temos sempre muitas novidades. Os nossos rapazes são cheios de vida e criatividade. Meu Deus, às vezes é preciso ter o coração bem preparado para ouvi-los. O Lujana não está em Casa. Tem 15 anos. Desde pequenino que foi acompanhado por nós. Ele tem uma deficiência nos braços e os seus pais separaram-se enquanto ele era bebé. O seu pai, fez um buraco para o enterrar, mas a comunidade reagiu aos gritos da criança e o socorreu. Todas as providências foram tomadas, mas Lujana nunca foi aceite pelos seus familiares. Aos 5 anos, veio para a nossa Casa e tudo fizemos para que fosse amado e respeitado por todos. O incentivo era diário: “Lujana, és capaz... vamos, tens uma caligrafia tão bonita... lêes tão bem, arrumas bem o refeitório... como és inteligente.”

Há 2 anos, foi convidado a conhecer a família do pai numa outra província. Enquanto estive com os seus familiares sempre procurávamos notícias. Às vezes, boas; e outras, que corria perigo. Depois da experiência na família, onde foi sujeito a muitos maus tratos, conheceu a rua. Nessa aventura, o Lujana descobriu como tirar partido da sua fragilidade. A Acção Social teve que intervir, colocando pai e filho frente a frente. O pai assumiu cuidar do filho, contudo, ao sair do gabinete da Acção Social, colocou-o num autocarro e disse para voltar para a Casa do Gaiato. Foi com muito carinho que o acolhemos, reforçando as suas qualidades e minimizando os seus sofrimentos. Este ano, é a quarta vez que foge e desta vez encontrou o que não devia. Está sempre à volta de um Centro Comercial, o *Polana Shopping*, com seu aspecto de esperto a chamar a atenção. Que tristeza sinto pela maldade das pessoas. Ele faz todo tipo de chantagens e no seu teatro acaba dizendo: “Na Casa do Gaiato os mais velhos me batem... a comida é pouca... lá trabalho muito...” Em nome do seu teatro, tenho conhecimento que até alguns dos nossos amigos têm entregue dinheiro ao Lujana, mas incapazes de o acolher nas suas casas. Que pena!

Há uns dias atrás, apareceu uma Associação para fazer uma doação e falar dos Direitos da Criança. Na sua primeira intervenção, diziam “... neste orfanato nós sabemos que vocês precisam da nossa ajuda, mas nós queremos também trabalhar convosco de outra forma, desenvolvendo a vossa criatividade e transformando os vossos direitos em histórias verdadeiras...” Um rapaz, logo

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Do que nós Necessitamos

OS trabalhos da vindima têm-nos ocupado boa parte dos dias, em ano favorável à produção do fruto da videira. No ano transacto foi praticamente nula a colheita, exigindo-nos a deste ano trabalho redobrado. Tivemos a nosso favor o facto de se terem antecipado no calendário os dias dedicados à vindima, coincidindo também com a presença de muitos dos nossos Rapazes em Casa, ainda em período de férias escolares. Foi por isso um trabalho feito em grande medida por eles, geralmente empenhado e solícito.

Sendo os Rapazes em número muito inferior ao que se verificava há uns anos atrás, algumas tarefas, no entanto, não diminuíram em volume, como esta da vindima. A realidade vai-nos confrontando com novas situações, a que não podemos responder passivamente. Noutros níveis da nossa vida vamos sentindo um aperto dos trabalhos em que temos de nos redobrar, sintomas que nos fazem ansiar por mais e novos trabalhadores para esta parte da Vinha do Senhor.

Tal como na parábola do Evangelho que lhe refere, certamente que há trabalhadores à espera que os contratem para o trabalho na Vinha. O Senhor, que trabalha sempre, não deixará de lançar o Seu convite àqueles que estão disponíveis para acolher o Seu apelo, e não

deixará também de lhes pagar, a seu tempo, o que for justo, que, na Sua maneira de retribuir, é sempre abundantemente.

Entretanto, vamo-nos dedicando sem desfalecimentos ao trabalho para que nos contratou também a nós, em determinada altura da nossa vida, em Portugal, em Angola e em Moçambique e, como desejamos ardentemente, noutros espaços do mundo onde as crianças sem família e os Pobres vivem sem perspectivas de uma vida feliz.

A nossa Obra, eternizada por Pai Américo no seu carisma de paternidade e protecção à infância desvalida, está gravada na mente e no coração dos portugueses, como espontânea e simbolicamente o nosso Presidente da República expressou há dias, ao sentar uma criança no balcão do stand que ocupamos na Feira do Livro do Porto, durante a sua visita de abertura, enquanto sentidamente dizia o nome de Padre Américo e, depois, abria o nosso O GAIATO, também este encimado por um Rapaz de braços abertos a pedir outros braços para o acolherem, o «Quim Mau». São estes braços que faltam, para muitos outros «Quim Mau», tal como para aquele pequeno de 11 anos que percorreu 80 quilómetros a pé para chegar à nossa Casa do Gaiato de Maputo, num destes dias, na esperança de aí ser acolhido. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Há 80 anos no Ceira

Nós fomos os pioneiros. Havia já, ao tempo, colónias de mar. De montanha não senhor.

Padre Américo

FOI um Verão desgraçado em termos de incêndios, pela vastidão de área florestal ardida e tragédias humanas, cujas feridas vão demorar a cicatrizar. Mete mesmo dó, ao percorrermos qualquer estrada e em várias direcções, ver paisagens outrora verdejantes transformadas em queimadas negras e sem vidas. Também no Funchal ficou enlutado Portugal. Pelo mundo fora, a ameaça do terrorismo (como em Barcelona) vai disseminando um clima de medo e no Médio Oriente e no Oriente não se calam as armas e insinua-se outra grande guerra. Deus nos livre de tal!

Com este contexto preocupante e em plena época de férias, em especial de correrias para o litoral, saímos a pregar com alegria em comunidades cristãs de alguns Pastores amigos, cele-

brando o Mistério da Fé no altar do Senhor da Vida: Árvore (Vila do Conde), Pedrógão Grande, Derreada Cimeira, Vila Verde, Tavarede, Figueira da Foz, Vila Nova do Ceira e Oliveira do Hospital. Aqui, tivemos de parar em Gramaços, numa bela e antiga casa de granito, de família amiga do tempo de Padre Américo.

Ainda na estiagem, com o alto da Senhora da Candosa por mira, lá fomos peregrinar às fontes com alguma miudagem em algazarra. Avessos a tanto barulho nocturno e de mau gosto, ecoando nos montes, em ofensas aos Santos, foi preciso continuar a registar no ADN da garotada deste tempo a memória de um acontecimento antigo (80 anos — dois carros de milho!), mas vivo e crucial no itinerário do Padre Américo, como servo dos pobres, quando o rastilho da II Guerra Mundial se acendia. Assim, celebrámos a Eucaristia, pela alvorada do último Domingo de Agosto, na Igreja de Vila Nova do Ceira com uma assembleia amiga e ainda recor-

dada daquele tempo das férias de garotos pobres, como algumas velhinhas com mais de 90 anos e que conheceram Padre Américo na casa ao lado da Matriz da terra com o rio Ceira a beijar-lhe os pés, ao fundo da várzea. As suas Colónias de Campo do Garoto da Baixa de Coimbra, com a ajuda de estudantes do Seminário e da Universidade, levaram ao gáudio da gente miúda das ruas do Mondego, desde o Alva (1935) ao Ceira (1937), conforme explicou no Obra da Rua: *A ideia já não cabe na estreita casa de S. Pedro de Alva; procuram-se novas instalações. Batemos à porta de conventos abandonados; palmilhámos redondezas em cata de casas grandes; e demos fundo em uma quinta adequada, a dois passos do rio Ceira.* Este acontecimento deu-se há oito décadas, no interior da Diocese de Coimbra. A Obra ia ganhando dentes para a broa de milho que regalava rapazes desnutridos e vagueavam descalços e andrajosos pela lusa Atenas, *in illo tempore*, depois de Trindade Coelho.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO



CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DONATIVOS — Uma das casas do Património dos Pobres da nossa paróquia que ficou vaga há uns tempos atrás, por motivos funestos que aqui relatamos na altura, está no processo de ter as reparações que são necessárias para que o seu próximo utilizador lá possa viver de forma condigna. Como é costume por cá há muitos anos, embora estas casas sejam propriedade da Fábrica da Igreja, é a Conferência Vicentina que toma a seu cargo as reparações e outras obras que seja preciso fazer nestas casas, procurando mobilizar todas as ajudas que seja possível obter para esse efeito. Neste caso, também está a ser assim.

Outra intervenção da Conferência Vicentina nestes processos que também não é de somenos importância é a sugestão da pessoa, ou família que nos pareça mais indicada para utilizar estas casas. Não nos cabe a nós a última palavra nesta matéria, embora ela tenha sido respeitada por quem de direito na maior parte dos casos. Desta vez a nossa proposta é para que a casa aqui em questão seja para uma senhora viúva, já de idade, que conhecemos bem e que está a viver em casa alugada, pagando uma renda pouco compatível com os seus baixos rendimentos. De tudo o que sabemos dela, será, certamente, alguém que saberá estimar esta casa, se ela lhe for confiada.

Este assunto traz-nos à ideia a discussão que anda por aí sobre o paradeiro dos donativos para as vítimas dos incêndios na zona de Pedrógão. Sem pôr minimamente em causa a seriedade e dedicação ao Bem Comum das entidades públicas e privadas para as quais esses donativos foram canalizados, o que este e outros processos do género mostram é a importância e indispensabilidade da existência, no terreno e em contacto directo e continuado com as pessoas que lá vivem, de organizações como as Conferências Vicentinas que se devem esforçar por conhecer bem essas pessoas, as suas necessidades e aquilo que pode e deve ser feito para as ajudar.

Claro que quem está longe e quer ajudar só o poderá fazer canalizando essa ajuda para algum “intermediário” que, depois, leva essa ajuda às pessoas que dela precisam. O que estamos aqui a dizer obviamente não é nada contra quem assim faz. O ponto a que queremos chegar é que agora e sempre continua válida a máxima cujo autor os nossos queridos leitores bem conhecem: “Cada paróquia cuide dos seus pobres!” Para isso, cada paróquia precisa de ter quem se ocupe deste cuidado, seja uma Conferência Vicentina, ou seja, outra organização do género. Se uma paróquia tem Conferência Vicentina deve acarinhá-la, em vez de acabar com ela, ou deixá-la morrer. Se tem outro movimento que seja esse a ser acarinhado. Neste processo, os paroquianos leigos são essenciais, mas também é mais do que óbvio que é da maior importância o papel que o pároco pode e deve ter na criação e desenvolvimento das Conferências Vicentinas ou doutros movimentos de acção social a nível paroquial. Que Deus ajude a que haja mais e melhores paroquianos assim, párocos assim, senhores bispos e outros responsáveis religiosos assim, mas Deus só ajuda se nós O ouvirmos e nos deixarmos impelir por Ele! □

Página da OBRA DA RUA na internet



Em www.obradarua.pt, os nossos Leitores podem encontrar todo o conteúdo do nosso Jornal, depois de se inscreverem como assinantes. Tal como na edição em papel, não tem preço a assinatura da edição digital.

Na nossa página, podem ser consultados todos os jornais publicados desde o primeiro número em formato PDF. □

PAÇO DE SOUSA

Júnior

VINDIMA — A vindima começou em finais de Agosto devido às uvas estarem já bem maduras. Alguns Rapazes costumam colher as uvas enquanto outros levam os cestos para o reboque do tractor. O reboque, depois de estar cheio, é transportado pelo «Meno» para a adega, onde é pesado e medido o grau de álcool da uva. Esta tem sido de boa qualidade e em boa quantidade.

MÚSICA — Os membros do nosso grupo musical têm abordado novas músicas para a participação na nossa Eucaristia. Eles têm estado com alguma dificuldade para tocar os novos cânticos, mas esperamos que, com persistência, possam vir a tocar como deve ser. Temos os nossos ensaios a meio da semana,

ao sábado e antes da Missa, para melhorarmos individualmente e em grupo a nossa prestação, que tem sido do agrado das pessoas que nos visitam.

REGRESSO ÀS AULAS — Os estudantes da nossa Casa do Gaiato já estão a iniciar o seu novo ano lectivo. Temos 5 Rapazes no 1.º Ciclo, 2 no 2.º Ciclo, 6 no 3.º Ciclo, 8 no Secundário e 2 no Superior. Todos esperamos que os nossos estudantes possam todos passar de classe, como aconteceu no ano passado.

BRINCADEIRA — Agora os gaiatos têm tido novas brincadeiras, feitas com veículos pequenos que nos deram. É um carro, um jipe, uma moto e duas *trotinettes*, que descem

com os seus condutores a nossa avenida para ver quem chega primeiro à meta. Nem sempre corre tudo bem, devido a já ter havido alguns corredores lesionados. Mas são tudo pequenas mazelas que compensam a diversão e a alegria dos condutores. Infelizmente os veículos não são muito resistentes, pelo que a maioria já foi para a sucata.

MUSEU — Estão-se a dar os últimos retoques às instalações do nosso Museu Pai Américo / Obra da Rua, para que esteja tudo pronto para a sua inauguração, que esperamos aconteça no dia 23 de Outubro deste ano, dia de aniversário de Nascimento do Pai Américo, nos 130 anos. Contamos ter uma exposição sobre este acontecimento. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Este Verão tem sido marcado por muitos incêndios florestais, que também afectaram esta região. As nossas culturas agrícolas e jardins têm beneficiado de boas regas, da água que se aproveita (num tanque) da nossa fonte e é escoada depois para um poço junto à horta. A cultura do milho grão, na *terra nova*, ainda foi regada no final de Agosto. Apanharam-se tomate e pimento para as saladas. Alguns cedros secos, a poente, tiveram de ser cortados. Fez-se o mesmo num lado do depósito do gás. Cortou-se a relva do jardim junto ao parque infantil e arranjaram-se as letras O GAIATO. Continuaram-se a tirar as ervas daninhas no jardim de Pai Américo, em frente à rotunda. Da Cooperativa Agrícola de Coimbra, vieram fazer o rastreio da brucelose e a desparasitação dos nossos ovinos. Limpámos as cortes do gado e a capoeira das galinhas. Na nossa passareira temos muitas rolas e porquinhos-da-índia. Fomos buscar banana da Madeira, que é boa, recebida do Banco Alimentar.

ARRANJOS — O concerto da rede de vedação do nosso campo de futebol, a poente, foi uma tarefa urgente, já executada. Terá de ser continuada em frente às oficinas e

escola, depois de serem aparados os cedros. A piscina tem sido bem limpa e tratada. Com mobílias que nos deram e a ajuda da nossa Casa, o Diogo Silva alugou um T1 na Anadia, onde vai trabalhar.

ESCOLAS — O ano lectivo 2017/2018 começou a 12 e 13 de Setembro no Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, em cujas Escolas a maioria dos Rapazes frequentam do 1.º Ciclo ao Secundário. Afinal, o Danilson teve de ser inscrito no 10.º ano do Curso de Cozinha na Escola Profissional Beira Aguieira (Penacova). O Datchabá foi matriculado no 10.º ano do Curso de Electrónica, Automação e Computadores, na Escola Secundária da Lousã. Podemos contar, neste ano lectivo, com os seguintes Professores Destacados: Paulo, Alberto, Pedro e Francisco, que irão acompanhar os Rapazes estudantes, em especial na sua função docente. Bom ano escolar para todos!

SAÚDE — Houve menos consultas em Agosto e no mês de Setembro e seguintes já há muitas consultas e exames marcados, em várias especialidades e em especial no Hospital Pediátrico de Coimbra, sendo sempre acompanhados. Foi comprado um aparelho auditivo para o António

da Costa, em Coimbra, que ficou mesmo muito caro, mas ele bem precisava para ouvir melhor!

60 ANOS DE VIDA SACERDOTAL — Na Igreja e no salão da Paróquia viva de S. José, em Coimbra, foi linda e justíssima, no dia 3 de Setembro, Domingo, a festa desta comunidade tão amiga pelo 60.º aniversário de vida sacerdotal do Padre João Castelhana (ordenado a 15/08/1957), que deixou no último livro dos seus escritos dominicais um autógrafo sobre os Gaiatos que nos diz muito: *a paróquia de S. José sempre acolheu como família!* A Obra da Rua agradece e não esquece a sua entrega pastoral, na qual em vários e belos eventos nos incluiu, acolheu e partilhou: o Dia do Gaiato (no III Domingo da Quaresma), Magusto, Festa dos Reis e celebrações do Padre Américo/Obra da Rua. Depois da emocionante Eucaristia e do almoço à pinha, no palco, com o Anelca (a festejar 10 anos) e outros companheiros, o nosso Padre Manuel testemunhou publicamente a nossa gratidão pela sua vida sacerdotal, de sua irmã Maria Celeste e toda a viva comunidade cristã de S. José, nomeadamente as dinâmicas Catequeses. Bem hajam, saúde e muitos anos de vida! □

BEIRE – Da original capela do Calvário para...

Um admirador

A SEU TEMPO, A FESTA ACONTECEU. Gosto de pensar que o dogma da *Assumpção de Maria ao Céu* “representa a expressão suprema que a religião faz do feminino”. Esse *Divino Feminino* que pulsa no coração de cada ser humano e que o impulsiona para a *Verdade*, para a *Beleza*, para a *Bondade* — apanágio da divindade. E para as obras desta natureza. Bem como para todo o verdadeiro voluntariado que lhes dá mais *vida e vida em abundância*. Preciso é que cada homem e cada mulher — a começar por mim — deixe que esse *Divino Feminino* se lhes faça *sentir* e o ponham em prática — por *palavras, actos* e sem omissões.

Acabada a Missa, depois da Comunhão aos doentes acamados, começou a grande azáfama. O chegar do andor para entronizar na capela, de onde sairá em procissão. As bandeiras da Irmandade que abrilhantam o acto. Os cabos eléctricos e uma coluna de som que emitirá músicas de ambiente chamativo... E os relatos que andam de boca em boca: — *Vai haver uma festa!*... A novidade atrai todo o mundo. Dá mais vida à vida de quem a tem já tão monótona. Tudo o que seja quebrar o rame-rame dos dias de quem sofre as limitações que os mantêm aqui detidos são sempre *um acontecimento*... Cada um *conta um conto*. Sempre com o seu *novo ponto*, à sua cor

e medida... E eu entendo melhor que “uma vida sem aventura, sem surpresas, pode tornar-se um fardo pesado” — mesmo que se esteja de boa saúde física.

O dia estava ameno. O sol começava a declinar. Com um céu azul, a debruar de oiro o verde das vetustas carvalhas da nossa mata. Pouco depois do almoço, os doentes, mesmo os de cadeiras de rodas, tiveram quem os descesse até ao cruzeiro, defronte da capela, a formar uma colorida *meia lua*, em frente à escadaria. Para melhor observar tudo o que iria passar-se. A porta, aberta de par em par, já estava assinalada com a bandeira da



SETÚBAL

Padre Acílio

Vindima

A nossa vindima é uma colheita que me parecia ser sempre agradável a todos os rapazes. Mais ainda quando a uva é moscatel. Mas nem todos gostaram. Isto de *dobrar a mola* não é das posições físicas mais atraentes, sobretudo quando o sol começa a aquecer.

No primeiro dia é novidade. As uvas são muito docinhas e na vindima não há freio, cada um come o que quer e lhe apetece, mas nos dias seguintes já as coisas parecem pesadas.

Cada um com a sua tesoura e o seu grande alguidar, alinharam a dois, cada um ao lado da carreira armada da vinha. Como esta é muito mais comprida que larga — as dezanove filas medem 340 metros cada, tem apenas dois travessões e dois cabeceiros, foi preciso carregar os alguidares e as caixas das uvas cerca de oitenta metros o que tornou a tarefa mais pesada e fastidiosa. Ainda alguns refilaram com razão: — A

caixa do tractor vinhateiro faz cá muita falta para carregar as uvas —, mas não havia motorista e a vindima precipitou-se repentinamente com o exame das videiras e das uvas, feito pelos senhores que nos fazem o vinho. — *Tem de ser amanhã*. E teve mesmo de ser. Isto não dependia de nós.

Apanhamos quatro tinas. Duas à tarde e duas de manhã. Mas a meio da colheita veio ordem para não deixarmos as uvas de um dia para o outro na tina por causa da oxidação. Assim só podemos vindimar da parte da manhã.

As videiras estão carregadas de uvas, a vindima é abundante.

Já aqui observei que a nossa vinha não tem apenas finalidade de produzir uvas, mas também a de dar aos rapazes a imagem viva do Evangelho utilizada por Jesus: *Eu sou a Cepa, o meu Pai é o agricultor. Eu sou a Cepa vós sois os ramos. Cada vara que não dá fruto, o meu pai limpa-a para que produza mais, etc., etc.*

As imagens da vinha tornam-se assim mais próximas e mais reais para os rapazes com a vindima.

Ano novo

O ano lectivo é, para nós o princípio do ano muito mais notório que o ano civil.

Numa Casa de educação como a nossa, cujo único objetivo é **fazer de cada rapaz um homem**, o ano escolar exige preparação adequada não só de material, de ritmo mas também de adaptação ao esforço que a aprendizagem impõe. Fazemos grupos de estudo a disciplinas menos simpáticas, com os mais velhos a servirem de explicador e vigilantes. Não é agradável para alguns, mas tem de ser.

Hoje, o trabalho intelectual e o hábito de pensar raciocinando, tornou-se uma necessidade imperiosa para quem quer, amanhã, levantar a cabeça com emprego bem remunerado.

Os nossos, cuja família não lhes pode fornecer nada, precisam mais que quaisquer outros, destes bons hábitos.

A sua enxada é sua cabeça e a propensão para o trabalho. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes



Vila Nova do Ceira — 27 de Agosto de 2017

Continuação da página 1

Desse tempo e em manuscrito do seu punho, reservado, sob o título *Colónias de Férias dos Garotos da Baixa — Sua história e sua vida*, quais páginas de missão, reavivamos nesta coluna de gratidão outra vez um naco de bela prosa: *A casa de São Pedro de Alva já não continha o número de rapazes que aspirava conduzir. Os rios Alva e Mondego eram longe. Outros inconvenientes apareciam, sendo a falta de água o maior de todos. Urgia mudar de poiso. Procurou-se casa e sítio adequado e deu-se em Vila Nova do Ceira, na quinta do Sr. Doutor Diogo Cortez. Para ali se conduziram 96 rapazes [em 1937]. Pedi nas igrejas de Coimbra, à hora da Missa, e fiz o mesmo na Figueira e na Curia e no Luso. Aqui, nos hotéis, porquanto o Pároco não consentiu que eu pedisse na igreja.*

Na quinta da Costeira, do Senhor Doutor Diogo Cortez, estava-se perfeitamente à vontade, oferecendo o lugar todos os requisitos necessários para uma obra desta natureza. O rio Ceira ficava a cinco minutos. Animado, pois, com todas estas circunstâncias favoráveis à causa, para ali fizemos seguir cento e vinte e quatro rapazes, organizados em três turnos, durante sete semanas, dos meses de Julho, Agosto e Setembro [em 1938].

No ano seguinte, ainda para o mesmo sítio, conduzimos três turnos de rapazes, mais numeroso — 156 — e mais duradouro. O povo do lugar já está muito mais familiarizado com os pequenos e espera-os com ansiedade. Vão dando várias ofertas, de coisas de sua casa, o que dantes não faziam.

O programa das férias desses garotos pobres era simples, retemperador e profundamente cristão: *Era a boroa caseira. Era o caldinho quente e bem adubado. Era a resina dos pinheiros; e o amor do próximo, nomeadamente da criança sem lar. Aonde houver este amor, há necessariamente o olhar de Deus. E isso bastava-nos.* Dessas Colónias de Férias, desde 1935, o Padre Américo foi registando as caravanas: *Dos nossos livros de registo vêem-se na casa dos mil, os rapazes que beneficiaram. De 1937 a 1939, contaram-se 376 rapazes que viveram com alegria as suas férias nas Colónias em Vila Nova do Ceira.*

Há 80 anos, no Ceira, ia ganhando corpo mais robusto a revolução do garoto abandonado, que remontava ao *ano da graça de mil novecentos e trinta e dois*, por mandato do seu Bispo de Coimbra D. Manuel Luís.

Este ano, com vários Rapazes em férias por outras bandas, depois de irem a banhos ao mar azul da Praia de Mira, ainda houve uma dúzia de garotos que festejou essa data redonda, vivamente, com correrias pelas margens de verduras pendentes sobre o Ceira, em que se deliciaram com banhocas refrescantes e um saboroso farnel à sombra de um olival para veraneantes. Os herdeiros, actuais, desse sonho real não queriam deixar as águas do Ceira antes do Sol posto. Porém, por estradas sinuosas e com infestantes a galgar as margens, num misto de emoção e consolação, na viagem de regresso, reinava a admiração pelos pioneiros que começaram a dar novos mundos ao mundo, nas Colónias de Campo para os filhos das vielas, becos e tugúrios na *colina sagrada* do arco da torre da vetusta Universidade, pois a verdadeira sabedoria que fica é a Caridade!

Nada perturbou o Recoveiro dos Pobres que palmilhou tantos caminhos por eles até ao derramamento de sangue duas décadas depois, entregando a sua vida, unido à paixão de Cristo! *Mil anos a vossos olhos, Senhor...* □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.pt • facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21200

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE

Quitéria Paciência Torres

Continuação da página 1

pediu a palavra e disse: *“Nós não estamos num Orfanato. Somos uma família. Temos tios, tias, pais, mães e muitos manos... Somos uma família.”* Enquanto a sociedade continuar a fazer leis de protecção, reuniões, seminários e grandes métodos e fórmulas, com livros e relatórios tão bonitos, não vamos ao essencial. A vida é um direito de todos. O primeiro chamamento que Deus fez a cada um de nós e com muitas etapas a percorrer.

Vemos com tristeza coisas menos importantes, mas uma grande ponte para os ricos podem andar mais rápido, enquanto que o número de crianças na rua aumenta diariamente e de uma forma assustadora. O estamos a pensar para eles? Até dizem, não à institucionalização da criança mas, de repente esquecem-se e trazem os filhos dos filhos, dos filhos... afinal são familiares! Que saíamos como Jesus saiu a desafiar a Pedro e o chamou medroso, a Cananeia quando pediu a cura para a filha, sem preconceitos e

olhando para o presente. Tenhamos coragem de erguer uma grande ponte para que as nossas crianças possam ultrapassar as suas dificuldades e construir um futuro digno.

Estamos no mês de Agosto. Todos os anos, neste período as empresas correm para a FACIM — Feira Internacional de Moçambique —, para expor os seus produtos e serviços na expectativa de melhorar os seus negócios. Uma semana, em que a sociedade está centrada neste evento. Quem nos dera que os problemas reais da sociedade tivessem tamanha visibilidade. Nunca tivemos a casa tão cheia de crianças. Para cada caso é impossível dizer que não. E como dizer sim se não temos apoio humano, moral, espiritual e financeiro? É preciso cortar as amarras e gritar em voz forte, pois a vida é um dom de Deus e precisa de ser respeitada em todos os aspectos. Não vamos exigir dos pequenos o que os grandes não fazem. Que Deus nos acuda. Que as grandes organizações com responsabilidade social, sejam menos orga-

nizadas, quebrem o protocolo e façam como tantas vezes tem feito o Grande e Querido Papa Francisco.

Enquanto isto, continuamos com paciência à espera que alguém consiga sensibilizar o Lujana, que continua a fazer o seu teatro nas ruas, colocando em perigo a sua vida e vida de outros. Sejamos verdadeiros benfeitores no saber fazer! □

PENSAMENTO

Pai Américo

Somente o amor de Deus atrai, fascina, convence, toca os corações mais calejadados, faz das curvas linhas rectas e acende nas almas desejos de perfeição! «Eu vim trazer Fogo à terra.» Este Fogo queima sem consumir, e não deixa a gente ter paz.

Pão dos Pobres, 1.º vol., p 142.

Irmandade. Lá dentro, podia ver-se o andor do Coração de Maria prontinho para sair. Todo ele era um cântico de amor e de louvor a Maria. E da arte dos arranjos florais. Entretanto, há um grupo que vai urdindo um tapete de flores e “tecidos”, desde o portão ao sopé da escadaria. A coluna de som enche os ares com uma doce e discreta música mariana.

Perto das 18:00h, chegou o *Senhor Abade*. O nosso P.º Telmo, já vestido a rigor para este solene *Acto Litúrgico*, acompanhou a descida do andor. Cá em baixo houve uma calorosa saudação a N.ª Senhora, sob invocação de seu *Coração Imaculado*. Com

uma palavrinha especial para os nossos doentes e rapazes que, a seu tempo, seguiriam o andor até à Igreja. Caras felizes, em corpos de muito sofrimento. E não faltaram lágrimas teimosas a escorrer pela cara abaixo dos mais sensíveis.

OS ECOS QUE NOS VÃO CHEGANDO. — “(...) Até o senhor Padre disse que foi a festa mais bonita que já teve. — Eu chorei, mas era de alegria. — As pessoas gostaram muito. Ficaram, admiradas de ver os nossos doentes tão bem tratados, arranjadinhos e felizes. — Algumas pessoas não conheciam nada

disto aqui. Nunca tinham cá entrado nem conheciam a capela. Ficaram encantadas. — Muitos não sabiam que temos um jornal e quiseram fazer-se assinantes”...

Bendita a hora daquela iniciativa da equipa da Junta de Freguesia. Daquele SIM do nosso P.e Telmo. Abençoado o trabalho de quem fez toda aquela preparação. Acredito que, se nem um copo de água dado a um destes mais pequeninos fica sem recompensa (Mt 10,42), também este proporcionar assim tanta alegria sobre quem dela tanto precisa terá os seus *cem por um aqui na terra e...* (Mt 19,30). □

SINAIS

Padre Telmo



CARO Padre Baptista, envio-lhe a foto dos seus rapazes. Continuam fiéis ao seu espírito e orientação: presença na vacaria, trabalho no campo e na horta, ruas limpas e camaratas que são um espelho. Todos o recordam e sofrem consigo a grande injustiça.

Leia esta frase do Padre Zézinho: «Os Teus carinhos por mim são mais numerosos do que todas as areias do deserto».

Se esta realidade entrar dentro de si, na sua

alma —, será maravilhoso! Montanha inacessível? Parece. Porém, se abrir o seu coração ao amor que o Senhor tem por si, serão carreiros lisos nas encostas — e nos altos picos, fontes de alegria.

Continue liberto de todas as bicuatas mundanas. Se cair no seu chão... beije-o. O Senhor o irá levar.

Deixe que os atiradores de setas com veneno, apontem... Os seus 60 anos de imolação pelos doentes incuráveis, transformarão o veneno nas aleluias floridas da sua avenida. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FOI pelo telefone.

— *É o senhor padre?*

— *Faz favor de dizer quem fala?*

— *É fulana.*

— *Mas Marias, há muitas e eu não me lembro de si.*

— *Mas o senhor conhece-me bem. Olhe, fale aqui com o meu assistente —, e passou o telefone.*

— *Daqui é o assistente da Associação dos Professores e amigos das crianças do Casal das Figueiras.*

Fiquei contente porque sempre ouvi dizer bem desta associação pelo bom trabalho realizado e mais ainda, porque o seu fundador havia sido, antes, professor das nossas escolas, aqui na Casa do Gaiato, levando deste modo a semente que o ajudou a abalançar-se naquela boa criação.

O homem lá me contou a situação da família e me disse o nome da senhora que pelo apelido, um pouco raro, me lembrou uma família que o Património já ajudara, pelo menos duas vezes.

— *Sim senhor já sei quem é.*

— *Pois olhe o problema é que tem água cortada, o marido como sabe, vive acamado, devem uma soma grande a mercearia e também à EDP e eu não tenho saída nenhuma. Se a pudesse ajudar mais esta vez, nós agradecemos muito. E quando é que poderíamos falar?*

— *Amanhã —, respondi —, pelas 9:00h.*

— *Vou ver se tenho motorista que me leve aí.*

Quando me falou em motorista, fiquei alerta. Então, esta gente assiste a pobres e tem motorista?

Não é assim que nós fazemos. A gente vai e leva o carro da Casa. Aqui não há condutores para estes serviços. Quase me arrependi de me haver comprometido, em receber o senhor mas... aguardei.

Ao outro dia, minutos antes das 9:00h., já estava o assistente e a senhora que o conduzia. Tanto um como a outra, chocados com a terrível situação daquela família enterrada em dívidas e sem solução à vista.

Sempre me pareceu que uma tragédia destas, descrita por um técnico, deveria ter resposta pronta nos serviços sociais do Estado. Mas não, a resposta é negativa. Resolveram então, bater à porta do Património dos Pobres, como tanta gente aflita.

Que havia eu de fazer?... Passei-lhes um cheque de trezentos euros com outro endossado às Águas do Sado sem quantia descrita, por eles não saberem ao certo a dívida, evitando assim que andassem para trás e para diante a gastar tempo e combustível.

O assistente foi cavalheiro e, antes de pagar a água, achando a importância elevada perguntou-me se podia meter o cheque. Pois então?... Se essa família não tem água e não há outro remédio, que havemos de fazer?

— *Passe —, disse resolutamente, ficando com um doce na alma: O Património é a retaguarda para o desamparo dos Pobres.*

Veio também aquela rapariga com três filhas que ajudamos substancialmente com roupas, mobília, electrodomésticos e arranjo da casa. Há muito que

não se assomava à nossa porta. Agora apareceu com uma dívida de 1.403,00 euros de renda atrasada e uma carta do senhorio a ameaçá-la de despejo.

Pedia que eu lhe desse ou emprestasse que me pagaria em pequenas parcelas.

— *Mas como?... Com uma renda tão alta e três filhas na escola, sozinha a ganhar, como me irás pagar?*

Foi chorar para a senhora que sempre a tem amparado e condoído das aflições em que ela se vê!

E vem a senhora ter comigo: — *Então, não vai ajudar a rapariga?*

— *Oh! senhora, são 1.403,00 euros!...*

— *Mas não tem dinheiro que chegue? Olhe que a pobre não tem ninguém e vai para a rua.*

— *Ela que venha cá —, disse.*

Eu estava na sala de jantar com o breviário na mão a ouvir os salmos. A palavra de Deus suave aos meus ouvidos e entrava-me dentro.

Ela trazia o cartão do senhorio polido e brilhante como convém a um homem de negócios, mas só com dois nomes.

— *Mas!... Ouve lá, basta pôr no cheque este nome assim? Ele não tem mais apelidos? O melhor é telefonar-lhe.*

Pelo cartão, a mãe desamparada dava-me o número para o meu telemóvel e a seguir, foi ela quem telefonou.

— *Não lhe digas que sou eu —, interrompi. Ela desenrascou-se bem, afirmando que era o padrinho: — O meu padrinho vai pas-*

BENGUELA

Padre Manuel António

Temos esperança...

HOJE é Domingo. O nosso primeiro acto comunitário, após o descanso da noite, foi a participação na Santa Missa. Somos uma família cristã. Desde os mais pequeninos aos mais velhos, fazem a sua preparação, na véspera, com o ensaio dos cânticos e das Leituras. É, sem dúvida, um momento único e muito importante da vida semanal. Constitui um verdadeiro foco de luz e uma fonte de energia humana para enfrentar as resistências que surgem, ao longo do caminho da vida, nesta fase de crescimento. Após o pequeno almoço, houve a reunião dos Chefes da Comunidade. São os autênticos ajudantes responsáveis pelo bom andamento da vida comunitária. Desde pequenos, entraram na Casa do Gaiato, como filhos abandonados, sem a família que lhes garantisse a educação normal. A partir da fase das suas vidas, em que se mostraram capazes de prestar a sua ajuda na educação dos seus irmãos, alguns foram escolhidos para essa missão de Chefes. Desempenham o papel dos irmãos mais velhos, numa família humana normal. Ajudam os filhos mais novos no caminho da educação, com o acompanhamento no cumprimento dos seus deveres. Numa família, com a dimensão da Casa do Gaiato, só com a ajuda destes filhos se pode realizar a missão educativa. Doutra modo, não seria possível levar para a frente essa tarefa maravilhosa.

São necessários, contudo, encontros regulares com os primeiros responsáveis da Família que são os pais sacerdotes. Não são rapazes perfeitos. Através da abertura dialogante nestes encontros, é possível um conhecimento mais perfeito da situação comunitária. As Casas do Gaiato são *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. Os Chefes, em referência, realizam esta missão de responsáveis directos que acompanham os seus irmãos. Daí, nasce a importância que têm na vida da Casa do Gaiato. Pai Américo assumiu a responsabilidade básica educativa destes filhos. Deixou a herança aos seus sucessores que, por vocação de Deus Pai, entregaram as suas vidas nas diversas Casas do Gaiato. Há situações aflitivas nesta dimensão. Temos a Casa do Gaiato de Maputo, Moçambique, sem o Pai sacerdote. A querida Irmã Quitéria faz o papel de Mãe, até que o Pai do Céu desperte uma vocação sacerdotal, disponível para deixar tudo e entregar a sua vida aos filhos abandonados. Situação semelhante acontece no Calvário, a Casa de Família dos doentes incuráveis abandonados. Temos esperança e muita confiança no Amor do Pai do Céu.

Os pedidos para o ingresso de novos filhos abandonados, na nossa Casa do Gaiato de Benguela, continuam a bater à porta do nosso coração. O atendimento favorável continua a ser impossível, porque há falta de empregos para os filhos mais velhos que já deviam estar na sua autonomia, fora da Casa do Gaiato. Continuamos a bater à porta das várias empresas. Aguardamos, com sofrimento e paciência. Há, também, pobres que vêm dos bairros vizinhos, em situação aflitiva, à procura duma ajuda. Estamos a fazer o que podemos. Recebemos, há dias, uma oferta admirável a que não estávamos habituados, com regularidade. O responsável dum Supermercado, muito conhecido em Benguela, telefonou-me a comunicar que fosse o mais rápido possível, com a carrinha, à busca duma oferta, efectuada por uma pessoa amiga, de Luanda, muito amiga da Casa do Gaiato de Benguela. Assim aconteceu. Vieram géneros alimentares, em quantidade variada e consoladora. A porta do Supermercado ficou aberta. Este donativo faz parte da resposta à pergunta que nos é feita com muita regularidade: A Casa do Gaiato de Benguela tem meios económicos, financeiros e alimentares para viver? Sim, vivemos do que nos dão! Este é um exemplo. Quando necessitamos de material escolar recorremos à livraria Oliveira e Ligeiro, extraordinariamente amiga e generosa. Há momentos, um grupo de jovens, da cidade do Lobito, que veio passar connosco uma parte do seu dia de Domingo trouxe-nos um donativo alimentar muito generoso. A nossa vida está nos corações cheios de amor. Recebeu um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

sar-me o cheque, diga-me o seu nome completo.

Pronto. Estava tudo resolvido.

Passadas umas duas horas, o senhorio ainda telefonou para falar com ela com o meu número.

— *Já não está, saiu há bastante tempo.*

Não sei o que lhe queria, mas ficou sem saber quem era o padrinho.

Mais outra mulher com renda de Casa.

— *Mas se a renda é de uma casa da câmara eu não pago —, disse-lhe de raspão. A senhora ficou, dirigiu-se várias vezes a mim, respondendo-lhe eu sempre do mesmo modo.*

— *As rendas da câmara são muito baratas, paguem-nas.*

Ela voltou ao outro dia. Era uma pessoa com roupas pobres e apareceu-me, como vindo a pé da cidade. Pediu, insistiu e eu fui firme: — **rendas dessas casas não pago.**

A senhora desapareceu da nossa vista e ainda perto fui atrás dela para a cidade, desejando dar-lhe boleia na nossa carrinha. — *Não obrigada, eu prefiro ir a pé.*

Afinal, a poucos metros, parada na berma da estrada, aguardava um carro bom, conduzido por um senhor a fumar, ao volante.

Olha?!... Disse para comigo, o Senhor guardou-me desta. □